

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: 19

Data: 17 de Outubro de 1989

Pg.: _____

4468 Lucio Flavio Pinto

Consciência crítica

Durante os anos politicamente negros, que corresponderam ao período do "milagre econômico" (ninguém estava interessado em saber de onde vinha e como seria pago o dinheiro que financiava tantas obras), o regime possuía a sua consciência crítica, que tinha a mesma importância do Grilo Falante para o Pinóquio. Era a Seplan (a Secretaria de Planejamento da Presidência da República) e, dentro dela, o Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais).

O piauiense Reis Velloso protegia os técnicos da Seplan com seus pára-raios, cuja força eu nunca consegui entender direito. Certamente não se devia ao peso político do Piauí. Tinha bastante a ver com as amizades do próprio Velloso e com a estranha personalidade do regime naquele momento. Nêle, havia ministros tidos como gênios e sua genialidade, nem sempre demonstrável, mesmo assim jamais era contestada. Reis Velloso era um deles.

Jornalistas interessados em descobrir o que havia por trás daquele glamour construído à base de tevê colorida, loteria esportiva, crédito para a classe média, uma versão perversa do keynesianismo, acabavam todos na sala de um dos técnicos do Ipea. Eventualmente conseguia-se um documento bem montado que desnudava a face oculta do país fabricado pela propaganda requintada da Aerp, a assessoria de relações públicas da Presidência.

Na época, nenhum jornalista brasileiro tinha onde publicar suas conversas com o pessoal da Seplan, que falava com desenvoltura, aparentemente sem grande temor pelo olho sempre vivo do Grande Inquisidor. Mas quando se conseguia algum documento "vazado" dos escaninhos palacianos, publicava-se tudo. E no entanto o regime não parecia dar sinais de contrariedade. Seria uma personalidade esquizofrênica, como diagnosticaria um psiquiatra junguiano se pusesse o governo no divã?

Talvez fosse melhor pensar que o governo se considerava tão forte, tão legitimado socialmente (mesmo sendo uma legitimação induzida), que se dava ao luxo de ter uma consciência crítica. Eram brincadeiras de intelectuais, um jogo bastante elitista, incapaz de interessar à massa, embalada pelos jargões do tipo "ame-o ou deixe-o", tricampeonato, a integração nacional via satélite, etc. Desde que não interferissem nos desígnios do poder, estes intelectuais poderiam brincar com suas artes lógicas. Na verdade, se muitos deles não foram além, a inibição não foi externa, mas o produto da falta de ousadia, de consistência ou de coragem. Graciliano Ramos percebeu isso sob Vargas, nas "Memórias do Cárcere". E, ao contrário de

vários outros escritores, disse o que pensava.

Lembro-me, a propósito, o impacto que sofri ao visitar o Equador logo após o golpe que derrubou o incrível Velasco Ibarra. O general Guillermo Lara havia decretado estado de sítio, que nunca chegou a ser instaurado no Brasil (mas a diferença era apenas formal). No primeiro ônibus que tomei para o centro de Guayaquil, havia um retrato de Che Guevara sobre a cabeça do motorista, com uma luz acesa e flores ao redor. A livraria do Partido Comunista funcionava regularmente no centro da cidade, com bandeira vermelha à porta e tudo (causei mais estragos do que a polícia ao perguntar ao livreiro se tinha uma obra herética e não dogmática de Marx; ele quase me expulsa). Entendi a liberalidade quando descobri que 40% da população do país era analfabeta.

Reis Velloso deixou a Seplan, com a "abertura", veio Delfim Netto e a consciência crítica não apenas mudou de país como cruzou o Oceano: agora, está instalada nos confortáveis gabinetes do Banco Mundial, em Washington. Nos seus arquivos, ainda pouco acessíveis, repousam os estudos e avaliações que, antes, o Ipea costumava realizar.

O banco contratou gente competente para cada área de interesse. Não parece ter-se preocupado muito com a corrente fisiológica desses técnicos, mas, à custa dos meios que ofereceu, conseguiu um compromisso de sigilo que custa romper. Só aos poucos, esses documentos tornam-se públicos, graças a ocasionais permutas com jornalistas.

Foi o Banco Mundial que obrigou a Funai a incluir os índios no Polonoroeste, um programa de ocupação impulsionado com o asfaltamento da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho). A Funai simplesmente ignorara que havia tutelados seus ao longo da rodovia. Da mesma maneira, o banco lembrou a Companhia Vale do Rio Doce para a presença de índios no traçado da ferrovia Carajás-Ponta da Madeira e condicionou a liberação do financiamento de 300 milhões de dólares a um projeto de assistência às comunidades.

Sem a insistência do banco, também não teriam sido preservados os sítios arqueológicos de Carajás, trabalho que exigiu quando o preparo da mina já ia adiantado.

Em todos esses assuntos (que continua a fiscalizar), o banco não faz benemerência, nem filantropia. Mas, com a larga experiência que acumula, em escala planetária, quer amaciar o avanço de frentes que, de outra forma, em seu movimento, provocariam atritos desgastantes. É um padrão de comportamento atualizado. Nós é que insistimos nos métodos primitivos e, agora, sem sequer uma consciência própria.